

Capricho de Choro de Hamilton de Holanda: principais escolhas para o arranjo para cravo solo e sua performance

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO-PERFORMANCE

*Priscila La Gatta Carminate
Universidade Federal de São João del-Rei
priscilalagatta@gmail.com*

O arranjo em questão, de peça originalmente composta para bandolim, é objeto de pesquisa de mestrado na linha de “Dimensões teóricas e práticas da performance musical”. O exame do idiomatismo do cravo, incluindo a escrita tradicional para o instrumento, e de características do gênero choro conduziu às escolhas centrais para a elaboração do arranjo e sua performance. Segundo F. Couperin (1668-1773), as peças que “resultam razoavelmente bem” no cravo são “aquelas nas quais o soprano e o baixo estão em constante movimento” (FAGERLANDE et al., 2013, p. 71). Em exemplos do repertório canônico para cravo, como obras de J. S. Bach (1685-1750), D. Scarlatti (1685-1757), J. H. d'Anglebert (1629-1691), F. Couperin e J. Rameau (1683-1764), identificou-se que a movimentação constante das partes, natural em polifonia, é estruturada, na textura homofônica, mediante a alternância entre passagens melódicas ou acordes quebrados (arpejos escritos) e passagens de acordes inteiros. O uso de acordes inteiros no acompanhamento não é feito, em tal repertório, regra geral, de forma contínua, distinguindo-se da escrita de Chiquinha Gonzaga (1847-1935) e Ernesto Nazareth (1863-1934) para piano no choro. O baixo contrapontístico não está presente na obra destes “pianeiros” porque a prática do contraponto, no choro, se consolidou posteriormente, a partir de Pixinguinha (1897-1973) e da incorporação da função pelo violão de sete cordas (BORGES, 2008). Concluiu-se que uma boa textura para um arranjo de choro para cravo deve corresponder a baixos contrapontísticos, contracantos e acompanhamento em acordes quebrados preponderando sobre passagens de acordes inteiros. Além disso, buscou-se construir o acompanhamento com fórmulas de inflexões e células e motivos rítmicos típicos do choro, além de linhas de baixo em “picos” e “vales” próprias do gênero (ALMADA, 2006). Por outro lado, a comparação das práticas de articulação no cravo e no choro apontou para a proximidade de ambas quanto à grande variedade de articulações possíveis para o mesmo material musical e à relevância da articulação para a clareza do discurso (BRASIL, 2022). A articulação da síncope brasileira ou característica, no entanto, se revelou um ponto de atenção, porque

enquanto na música europeia dos séculos XVII e XVIII a nota longa da síncope é precedida de um silêncio de articulação e dura mais que a anterior, sendo desse modo acentuada, no choro, a nota longa da síncope característica soa mais curta ou saltada, o que produz a levada ou o *groove*. Tal distinção foi compreendida em função da matriz vocal da música para cravo, em contraste com a matriz percussiva do choro. Entendemos, portanto, que a síncope característica deveria estar expressa no acompanhamento, no arranjo para cravo, como acontece na gravação realizada pelo próprio compositor com bandolim solista e violão de seis cordas (HOLANDA, 2023), cuidando-se para que, na performance, sua articulação seja feita como o gênero musical requer: com a nota longa da síncope característica soando mais curta. Isso não exclui o *tenuto* na nota longa da síncope característica na qualidade de variação e a articulação à maneira europeia nas demais síncopes, como aquelas entre compassos.

Referências

ALMADA, Carlos. *A estrutura do choro: com aplicações na improvisação e no arranjo*. Rio de Janeiro: Da Fonseca, 2006. 87 p.

BORGES, Luís Fabiano Farias. *Trajatória estilística do choro: idiomatismo do violão de sete cordas, da consolidação a Raphael Rabello*. Brasília, 177 p. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de Brasília, 2008.

BRASIL, Caetano. Entrevista a Priscila La Gatta Carminate. São João del Rei/Juiz de Fora [on line], outubro de 2022. Vídeo. 70 minutos. Não publicada.

FAGERLANDE, Marcelo (Org.). *Tratados e Métodos de Teclado: Sancta Maria (1565), Frescobaldi (1637), Couperin (1717) e Rameau (1724)*. Trad. Marcelo Fagerlande, Ana Cecília Tavares, Clara Albuquerque, Maria Aida Barroso e Mayra Pereira. Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Música. Programa de Pós-graduação em Música, 2013. 117 p.

HOLANDA, Hamilton de. *Capricho de Choro*. Disponível em:
<http://hamiltondeholanda.com/caprichos/download/mp3/disco1/08-Capricho-de-Choro.mp3>
Acesso em: 14 ago 2023.